

A PRESENÇA DO “EU NÃO PROFESSOR” EM SALA DE AULA: o uso de gostos pessoais para cativar e melhorar o ambiente de aprendizagem em sala

THE PRESENCE OF THE “NON-TEACHER” IN THE CLASSROOM: the use of personal tastes to captivate the students and improve the learning atmosphere in the classroom

Kymhy Hendges Mattjie Amaral¹

RESUMO: O presente artigo discorre sobre a ideia de como o professor pode usar o seu “eu”, as suas características pessoais, talvez seus hobbies que aparecem fora da sala de aula, para cativar os alunos e, assim, a partir da conquista, melhorar o ambiente de aprendizagem na sala de aula. Ao mesmo tempo, pretende-se ver como essa ‘quebra’ da imagem sedimentada que se tem hoje do professor ocorre nesses casos, influenciando o processo de ensino e aprendizagem. Além disso, pretende-se demonstrar que os gostos em comum entre professor e aluno podem desempenhar um papel fundamental no aprendizado.

Palavras-chave: Gostos pessoais. Aproximar-se. Cativar. Aprendizagem

ABSTRACT: The present article approaches the idea of how teachers may use their “inner side”, their personal characteristics, or even their hobbies which are in evidence outside the classroom, to captivate the students and in this way, by winning them over, improve the learning atmosphere in the classroom. At the same time, it investigates how this “break” of the fossilized image people have about teachers occurs in such cases, influencing the teaching and learning process. The intention is also to show that the common tastes between teachers and students may play a fundamental role in the learning process.

Keywords: Personal tastes. Approach. Captivate. Learning.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo foi escrito a partir das percepções que tive durante a atuação do PIBID de 2014, juntamente com auxílio teórico. As aulas foram ministradas em uma escola estadual para uma turma de 1º ano do Ensino Médio, na disciplina de Seminário Integrado. O PIBID do qual faço parte é do grupo Letras Vivas, vinculado ao curso de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Superior de Educação Ivoti.

Hoje o professor enfrenta diversos tipos de empecilhos na sala de aula: longas jornadas de trabalho, pou-

cos recursos, falta de tempo para planejamento e, principalmente, depara-se com alunos desinteressados.

No período da graduação, lemos diversos teóricos que defendem que o professor deve trazer o ambiente/sociedade do aluno para dentro da sala de aula, a fim de proporcionar aulas mais significativas. O pensamento de Raasch (2014) segue esta linha:

Muito além de se discutir conteúdo programático e outros importantes elementos pedagógicos temos que refletir melhor sobre a educação. Não somente a educação (conhecimento) adquirida na esco-

¹ É graduanda do curso de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Superior de Educação Ivoti (ISEI). PIBidiana do grupo Letras Vivas, vinculada ao curso de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Superior de Educação Ivoti (ISEI).

la, mas aquela que deve também vir de casa, ou seja, com a imprescindível participação da família.

Teoria bonita, mas difícil na prática. Com tantos casos de crianças que vêm de um meio social desprivilegiado, como o professor pode trazer esse mesmo meio para a sala de aula? Esse ato corre diversos riscos para que não dê certo: desde a má interpretação até briga com os pais de outros alunos que não estão inseridos na mesma situação. Então como podemos cativar? Como fazer com que o aluno se sinta motivado e inspirado pelo professor? Raasch (2014) alerta para os casos em que:

[...] às carências trazidas pelos alunos para a escola. Muitos trazem de casa o reflexo do mau relacionamento dos pais, falta de condições, dignas de vida, reflexos da crise econômica e obviamente a falta de amor. [...] Aos professores resta que se desdobrem tentando ser professores, educadores, pais, mães e amigos.

Dimenstein (2003) já mostrava também o problema que muitos alunos passam citando o seguinte exemplo: “Bruno Bettelheim, já velho, lembrando-se de suas experiências de criança, disse que na escola os professores tentavam ensinar-lhe o que ele não queria aprender da forma como eles queriam ensinar”.

Ao invés de cativar os alunos pelo viés apresentado acima, e cuidando a situação trazida acima por Dimenstein, resolvi fazer o teste de cativá-los pela minha pessoa fora da sala de aula: meus gostos, *hobbies* e vivências antes de ser professora, para proporcionar aulas mais dinâmicas e divertidas, além de criar um vínculo maior com os discentes. Para ter um maior controle, e também pelo perfil da turma, resolvi abordar duas esferas distintas: a literária e a tecnológica.

O artigo a seguir relatará como foi a experiência, trazendo também aspectos ligados à identidade/definição do professor, assim como relato de dinâmicas e trabalhos realizados que mostrem como se deu essa interação com os alunos. Por fim, o presente artigo mostrará se houve uma ligação entre docente e discentes e se acarretou a melhora em sala de aula.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 PROFESSOR: FISSURAS NECESSÁRIAS

Como primeira tentativa feita em sala de aula, resolvi “quebrar” a visão pré-pronta que a sociedade tem hoje sobre a imagem do professor. Ao pensarmos nessa palavra, professor, o que nos vem à mente?

É incrível como há uma imagem pronta do “típico” docente, que está lá, em nossa cabeça, antes mesmo

de conhecê-lo. O típico estereótipo: é aquele que não sabe nada dos assuntos da galera, fica enfiado fazendo provas megadifíceis para “ferrar” com a turma; não sabe o que é cinema, música boa e muitos menos como usar a internet.

Essa é uma visão extremamente arcaica, o reflexo de um professor que, atualmente, não se encontra mais nas escolas. Mas a imagem ruim ficou. Realmente, há um bom tempo, os docentes não tinham como ter esse contato com os alunos. Eles precisavam passar uma imagem de durões, sabe-tudos, e sua única função era apenas passar conteúdo, ficando em segundo plano a preocupação se o aluno estava gostando da aula. Os tempos mudaram. Hoje os professores já têm mais “liberdade” para estabelecer vínculos com seus alunos, podendo demonstrar os gostos em comum, sem perder a autoridade em sala de aula.

Pensemos nos bons professores que tivemos: aqueles que mudaram nossas vidas, que deram aulas divertidas, aqueles com quem nos sentíamos seguros para sermos nós mesmos. A palavra empatia ou identificação ilustraria esse tipo de docente.

Para mim, muitos professores com quem me identifiquei tinham gostos parecidos comigo, desde música a *hobbies*. Foram pessoas que me inspiravam para ir à aula, em quem eu poderia espelhar-me, que davam vontade de fazer as atividades bem feitas e rápidas, só para ter alguns minutinhos para conversar com eles. Foi isso o que resolvi colocar em prática.

2.2 INFLUÊNCIA LITERÁRIA

Muito se ouve falar no desinteresse dos jovens em literatura. Se sabemos o problema, como podemos resolvê-lo? Dimenstein (2003) já mostrava um dos caminhos para conquistar os alunos: “Nunca pediu para a gente ler um livro. Ele chegava na sala e começava a falar sobre as obras literárias com paixão. [...] Vendo o professor Leônidas falar apaixonadamente sobre literatura, eu fiquei apaixonado também”. O primeiro teste realizado consistia em aparecer em sala de aula com um moletom da série *Jogos Vorazes*. É uma série muito comentada pelo grupo jovem, tanto pelos livros como pelos filmes. Primeiramente não ocorreu nada. Mas, durante as atividades que estavam realizando, fui circulando pelas classes e alguns tímidos começaram a perguntar se eu gostava da série. Quando ouviram a afirmação, em muitos eu pude ver uma centelha pequena brilhando no olhar. Estava dada a largada. A primeira fissura já havia sido feita.

Pude perceber que depois desse dia o interesse de alguns alunos começou a se manifestar. A influência de

temas jovens, muito apresentados nos filmes e na literatura atual, é algo que cativa os alunos. Às vezes, os alunos acreditam que os seus professores não se interessam por esse tipo de literatura. Dimenstein exemplifica (2003), “A escola não se interessa pelos saberes que a criança já tem”. Ao mostrar para meus alunos que, assim como eles, sou uma pessoa jovem e interessada nos assuntos atuais, não sendo aquele protótipo de “professora fechada e desatualizada”, apareci com uma imagem mais confiante, fascinante e mais interligada com eles.

Outro teste feito foi sempre aparecer com um livro em cima da mesa. No começo, ao colocar o livro em cima da mesa, de forma “não proposital”, os alunos não demonstraram interesse. Conforme o tempo foi passando e foram me conhecendo melhor e se soltando em sala de aula, percebi que começaram a me perguntar sobre o “livro da semana” – apelidado carinhosamente pelos mesmos –, até mesmo esperando o final da aula para trocar uma palavrinha breve, pedindo sugestões e conversando sobre livros em comum.

Outra situação, na mesma esfera, foi quando comentei com a turma que participaria da Bienal Internacional do Livro em São Paulo. Alguns se mostraram extremamente interessados, chegando uma aluna a comentar, em particular, que “achava muito legal eu gostar tanto de ler e que por isso era uma das professoras mais legais”. Pude ver então que estava conseguindo conquistar, nem que fosse apenas um, pelo meu “eu literário”. Esse comentário para a turma foi feito mais ou menos um mês antes do evento. Ao voltar da viagem, não veio apenas essa aluna, mas outros quatro, ávidos por saber quantos livros eu e minha colega havíamos comprado, como tinha sido o evento, como eram os autores, as pessoas, o lugar. Inclusive perguntando se tínhamos trazido algo para eles. Foi gratificante perceber que, mesmo dado a notícia tanto tempo antes da viagem, esses alunos lembraram e aguardaram ansiosos pelas novidades. Acabaram sendo fisdados pelas palavras.

Não apenas a inserção dos experimentos citados acima fizeram diferença. Eu e minha colega queríamos inspirar nossos alunos a escrever de uma forma mais criativa. Para isso, sempre antes de iniciar uma produção, nós fazíamos alguma dinâmica para conquistá-los; para dar aquela vontade, diga-se paixão, para escrever. Freire (1987) já afirmava que:

A palavra viva é diálogo existencial. Expressa e elabora o mundo, em comunicação e colaboração. O diálogo autêntico – reconhecimento do outro e reconhecimento de si no outro – é decisão e compromisso de colaborar na construção do mundo comum.

Queríamos que o diálogo com os alunos os inspirasse cada vez mais. Então um dia resolvemos fazer uma aula diferente: ler um conto do autor Edgar Allan Poe – *O Gato Preto*. Mas não apenas ler. Resolvemos sensibilizá-los no tema, para que entrassem nas emoções do conto. O uso de uma sala escura, música de filme de terror, velas acesas e trajes pretos, transformou o ato de narrar. Os alunos simplesmente ficaram mudos, apenas emitindo gritos quando nós dávamos gritos (para aumentar a sensação de terror). A produção de texto que foi realizada em seguida foi fantástica, e os alunos que eu já começara a cativar começaram a dar os primeiros frutos. Textos bons, criativos e interesse em outros contos do autor foram predominantes nesse dia.

Uma última situação, ocorrida nesse mês de setembro, foi novamente uma produção textual. Os alunos tinham liberdade de escrever um texto usando ditos populares gaúchos. Uma das alunas, com quem consegui estabelecer uma grande identificação desde o começo, ao terminar o texto veio conversar comigo. Ocorreu o seguinte diálogo:

– Sora, nunca escrevi tanto quanto em Seminário Integrado.

– Ora, que bom, Clara. Não sei por que a reclamação, afinal você escreve tão bem. Você tem o dom da escrita.

– Ah sora, eu gosto de escrever. E gosto de mostrar pra você, porque sei que vai gostar dele.

Aqui tive que interromper o diálogo para ajudar outros alunos. Mas sempre que eu passava por sua classe, Clara me puxava e comentava que estava ajudando as colegas a escrever, dando exemplos e inspiração. Ao sair dali ainda ouvi a seguinte frase: “Estou inspirando que nem a profe. Kymhy”.

Nessa esfera, os alunos se sentiram livres e incentivados a “colocar para a fora” a sua criatividade, não temendo pelo certo ou errado, mas apenas por aquilo que realmente queriam escrever. De acordo com Brighthouse e Woods (2010), os professores devem sempre tomar cuidado com os julgamentos que podem ser feitos ao aplicar um trabalho, pois “eles têm consciência dos perigos de a aprendizagem dos jovens ser dominada por julgamentos de capacidade que podem afetar profundamente sua autoestima e seu senso de identidade”.

2.3 INFLUÊNCIA TECNOLÓGICA

Outra esfera que coloquei em prática foi visando principalmente os meninos da turma, que constituem mais da metade da mesma. Sabemos que os jovens de hoje se interessam mais por videogames e redes sociais

do que pelos conteúdos que são dados em sala de aula. Mesmo usando meios tecnológicos em sala, parece que não conseguimos chamar a atenção. Um problema que tive, juntamente com minha colega, foi o uso incorreto de telefones celulares e fones de ouvido, logo que começamos a atuar. Um dia, flagrei um aluno jogando um jogo de celular que coincidentemente eu também tinha. Então, ao interferir, surgiu o seguinte diálogo:

– Bernardo, eu sei que esse jogo é bom, mas agora estamos em sala de aula. Pode guardar.

Espanto do aluno.

– O quê, profe? Tu também joga esse joguinho?

– Sim, Bernardo.

– Nossa! Que nível tu tá?

– Agora não é hora, Bernardo, guarda esse celular e faz as atividades.

– Se eu terminar logo, daí tu me ajudas a passar de fase?

– Vou pensar no teu caso.

Claro que os colegas à volta escutaram toda a nossa conversa, e um já aproveitou para matar a curiosidade:

– Profe, tu é nerd né?

– Sou.

Espanto dos que estavam escutando.

– Tá, mas tipo nerd ou tipo Geek?

– Mais pra Geek, Juca.

– Nossa, tipo Geek de jogar na internet e tudo?

– Sim, Juca, só porque sou professora não quer dizer que não goste das mesmas coisas que vocês gostam.

Aqui a conversa foi interrompida, pois se dependesse dos discentes, ela se estenderia pelo resto da aula, o que não era o foco do dia. Os mesmos alunos, dias mais tarde, quando já haviam terminado todas as atividades propostas, me chamaram para perguntar que tipos de jogos eu costumava jogar e, ao ouvir que não estava mais jogando, questionaram o motivo. Nesse dia, vi que muitos ficaram mais reflexivos. Transcrevo aqui o diálogo:

– Profe, que jogos online tu joga?

– Ah, Beto, eram mais de RPG tipo “WOW”, “Ragnarok”... Gosto de “The Sims 3” também. Mas não jogo mais muito.

– Ué, por que, sora?

– Ora, Beto, trabalhando aqui, mais em outra escola, tendo Faculdade todas as noites e finais de semana pra fazer os trabalhos e cuidar da casa, quando tu achas que eu tenho tempo?

– Nossa, sério que tu fazes tudo isso?

– Sim, e depois vocês que ficam reclamando que só tem que estudar, né? Aproveitem que vocês têm tem-

po. Estudar é importante, muito mesmo, mas também é bom se divertir. Façam as atividades na aula, daí vocês ficam com mais tempo para jogar. Aproveitem enquanto não têm que se preocupar com contas pra pagar.

Pude ver que depois disso o comportamento sofreu mudanças, e hoje são alunos que fazem suas atividades e são participativos.

Outro caso interessante, nesse caso não ocorreu comigo, mas com minha colega, é a vontade que os alunos têm em ter todos os conhecidos em todas as redes sociais. Nós os adicionamos no Facebook, afinal não podemos barrá-los, sendo que é bem fácil nos achar nessa rede. Mas o que eles vivem pedindo é o Whatsapp, um aplicativo que exige o número de telefone da pessoa para ter como amigo no seu perfil. Os motivos, ideias e esforço dos alunos para conseguir o número da minha colega já causaram muitas risadas. O número virou quase que um prêmio para alguns. Não há uma semana que não se escute um “profe, se eu terminar e fizer bem feito, tu me passas o teu Whats?”. Dimenstein (2003) defende que o riso é importante em sala de aula, pois “à medida que introduz o riso, ele é capaz de quebrar as coisas rígidas para permitir que mudanças aconteçam”. E ocorreram: os alunos começaram a ter isso como meta; mesmo sabendo que não conseguiriam o dito número, não pararam de tentar, impactando em seu rendimento e interesse.

Na minha percepção, ao mostrar que tenho interesse em jogos e redes sociais, mas não consigo me conectar devido ao trabalho, criou para os alunos meninos a ideia de uma professora mais descolada, alguém com quem eles poderiam vir conversar sobre o tema. Depois disso, cada semana acabo descobrindo um pouco mais dos seus gostos e, consequentemente, aproveito para usar em sala de aula. De acordo com Dimenstein (2003): “Eu ainda acho o seguinte: não é que a criança não goste da escola. Ela não gosta da sala de aula, mas da escola, geralmente, ela gosta”. Usando seus gostos em sala de aula, mas não apenas como uma forma de passar conteúdo, mas para divertir, acabou quebrando a ideia de uma professora careta, que vive apenas em casa e não tem gosto nenhum; que não é jovem.

Um trabalho feito em sala de aula, que muito interessou os alunos, foi passar alguns aspectos básicos de projeto de pesquisa através do tema redes sociais. Aqui os discentes tiveram que fazer bastante pesquisa de campo e computação de dados, assim como a procura em sites confiáveis sobre o assunto. Algo significativo para eles, feito de uma forma que os cativou muito.

2.4 MELHORAS EM SALA DE AULA

Com as quebras que causei com os alunos, chamando a atenção de quase metade da turma, pude ver uma melhora significativa, tanto em questão de diálogo como em esforço e rendimento escolar. Sendo assim, mesmo que tentando trazer a sociedade para dentro da sala de aula, acabei não me limitando a isso e conquistei os alunos por gostos, provando que pode ser usado de uma forma mais “universal” – no sentido de não ligar para o ambiente social – e realizar trabalhos muito interessantes em cima disso.

Dimenstein (2003) faz uma analogia quanto a esse tipo de conduta: “Dizia que o nosso papel, o papel do educador, é dar raízes para saber de onde a pessoa vem e asas para ela poder voar. Se o indivíduo tiver as raízes e as asas, sempre vai fazer da vida um ato criativo”. As raízes nesse caso defini como seus gostos e sua vida fora da sala de aula. As asas, utilizei as que já tinham: apenas mostrei como usá-las. Praticamos o ato de usar seus gostos em sala de aula para melhorar seu rendimento, divertir-se e usar um “olhar diferenciado”.

Ao criar a identidade comigo, percebi que o comportamento mudou. Alunos que eram desmotivados para fazer atividades, inclusive em muitos casos até mesmo respondões, mudaram conforme foram vendo que, além de professora, eu também sou uma pessoa com gostos parecidos; não sou “careta” e que estou ali para ensinar, mas também entendo o lado deles, que me importo. A advertência é para o bem deles. As atividades têm um propósito. Isso foi extremamente impactante, essa compreensão em sala de aula.

2.5 O DIÁLOGO DE IGUAL PARA IGUAL

Muitas vezes, percebemos que os alunos não estão bem, estão com aquela carinha desanimada. No começo, eles não se abriam, mas agora quando perguntados são bem sinceros, contando quando estão com dor ou problemas em casa; o que teve um impacto muito grande, pois perceberam que também sei quando não estão bem e, até mesmo, dependendo do caso, deixo “passar dessa vez” e não exijo tanto no dia.

Sendo assim, num todo, são hoje alunos que, ao serem alertados na primeira vez, fazem as atividades propostas e, caso o alerta geral não surta efeito, ao falar em particular, através do diálogo, sabemos chegar a um consenso. As advertências não são para “pegar no pé”. Dimenstein (2003) nos dá um exemplo: *Puxa, esse cara é jornalista há mais tempo do que eu. Então vou prestar atenção, porque ele está há mais tempo nessa atividade.* Tenho certeza de que isso não ocorreria caso eles não se identi-

ficassem comigo e não se sentissem seguros e sem julgamentos.

Além disso, a compreensão se fez mais presente, principalmente no quesito celular e fones de ouvido. Muitos hoje entram em sala de aula e guardam, na nossa frente, os aparelhos, até mesmo comentando “profe, hoje vou prestar atenção na aula”. O que mostra que eles compreendem que, como estamos em horário de aula e queremos dar uma aula produtiva, eles também devem contribuir. O que diminuiu drasticamente o estresse de ter que sempre alertá-los.

O interessante também foi que os alunos tornaram-se mais compreensivos, no sentido de que não levaram as repreensões e os alertas para o quesito pessoal, mas sim para o lado pedagógico. Muitos alunos até mesmo falam, em diversas situações, frases como:

“Profe, tu me xinga, mas sei que tu me ama”;

“Tá pegando no meu pé, mas vou fazer os exercícios”;

“Profe, tu xinga, mas é pro meu bem”;

“Que bom que tu se importa comigo”.

O que demonstra que estão muito mais abertos ao diálogo e que entendem que o que é dado em sala de aula é para ajudá-los e não para avaliá-los o tempo todo. Que a matéria dada não é apenas ministrada para passar de ano, mas para que aprendam a ser pessoas melhores e possam usar esse conhecimento para o futuro. Para que se tornem mais críticos. A exigência é algo que fazemos para o bem deles, pois acreditamos em suas capacidades e queremos sempre o melhor deles.

2.6 O RENDIMENTO E A MOTIVAÇÃO

O rendimento foi o que mais chamou a atenção. No começo do ano, quando mal conhecíamos a turma, resolvemos aplicar um exercício de escrita coletiva. Cada aluno deveria escrever uma frase e passaria o caderno adiante, conforme uma sequência estabelecida por nós professoras. No final do exercício, abrimos espaço para a narração das histórias. Apenas um aluno o fez, dizendo que seu texto tinha sido “sacaneado”, mas que, comparado ao dos colegas, estava o “menos ruim”. Saímos daquela aula bem desmotivadas e resolvemos não fazer mais a atividade enquanto sentíssemos que não estavam maduros.

No mês de setembro, resolvemos repetir a experiência, mas dessa vez em forma oral. Um número limitado de alunos recebeu uma tarja com uma palavra-chave que deveria ser introduzida na história. Nos alunos que mais manifestaram identificação eu resolvi prestar mais atenção, para ver qual seria o seu comportamento. Fe-

lizmente, a história desenvolveu-se muito bem, com começo, meio e fim. E pudemos ver que muitos discentes estavam loucos para incrementar bem a história, como se quisessem dizer “estou participando profe, me elogie”, pois a cada parte inserida falávamos se estava boa ou não. Vi que estavam bem desinibidos, pois sabiam que não haveria julgamento, que estávamos ali para fazer uma atividade divertida e não para apenas dar uma nota e fazê-los “pagar mico”. Segundo Freire (1987), “[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa”.

Nesse caso, não apenas o educar, mas a participação, a vontade de interagir com eles conforme iam construindo a história foi extremamente significativa. Os alunos já sabiam que não seriam julgados e que poderiam usar seus gostos, que evitaríamos interferir e muito menos ficar dizendo que “era melhor usar isso ou aquilo”. Deixamos que fossem eles mesmos. Mostramos que “amamos” a forma única de ser de cada um. Freire (1987) afirma em seu livro que “sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, um diálogo”.

O interesse com temas que vão ao encontro de seus gostos influenciou muito em nossas aulas. Para ajudá-los na disciplina de Seminário Integrado, resolvemos aplicar os quesitos do projeto, sem focar nos trabalhos que estão sendo feitos em grupos. Sendo assim, trabalhamos temas que são bem importantes para eles, como redes sociais, motivação, meio ambiente e reflexões para trazer os aspectos de um projeto de pesquisa, como justificativa, objetivo, resumo, palavras-chave, etc. Muitas vezes, pude ver o olho brilhando e a inspiração aparecendo, pois falávamos com vontade também. Como foi citado acima sobre o tema redes sociais, não falávamos só o que era necessário em sala de aula, mas também colocávamos paixão naquilo e dávamos espaço para que eles também trouxessem o que gostavam. Segundo Dimenstein (2003), “todo mundo que faz alguma coisa bem é porque gosta do que faz. O ato de gostar está ligado à curiosidade. Fora disso, cria-se o obsoleto, o desadaptado”. Ou seja, não estávamos pensando apenas no conteúdo, mas falávamos com propriedade, pois nós também usamos essas redes e fazemos as mesmas coisas que os alunos. O que fez com que um aluno certo dia me dissesse o seguinte:

- Profe, as aulas que vocês dão são muito legais.
- Jura, Kevin? Obrigada.
- É que a gente vê que vocês dão aula pra fazer a gente pensar e se divertir, não apenas para passar conteúdo. É muito legal... Vocês gostam dos assuntos que trazem.

Dimenstein (2003) cita: “Educação moral é o seguinte: seu aluno ou seu filho acredita mesmo não no que você diz, mas no que ele vê, acredita no exemplo”. E ainda complementa: “[...] ensinar pelo prazer em si, mesmo sem estar pensando na sua utilidade”. Com essa paixão em sala de aula e os assuntos interessantes para cada aluno, o rendimento foi aumentando, a vontade de participar, de chamar a atenção, de mostrar que também gosta do assunto e o querer mostrar que faz um trabalho bem feito tornaram muitos alunos mais questionadores, interessados e reflexivos, sendo esse último aspecto um dos mais significativos para mim. Segundo Freire (1987):

Em verdade, não é possível à educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo.

Com essa paixão viram que os conteúdos abordados em sala de aula não precisam estar limitados a apenas quatro paredes, mas que podem ser transpostos para fora delas, melhorando o ambiente à sua volta ou, o que é muito bom, a sua maneira de pensar e ver o mundo e o que podemos fazer para melhorá-lo.

Com os alunos que consegui conquistar pela esfera literária tive um aproveitamento muito maior nas aulas de produção textual. Foram alunos que, no começo, se sentiam desmotivados para escrever, se sentiam sem inspiração e sem confiança. Conforme foram criando a empatia, suas produções melhoraram, chegando hoje ao ponto de me chamarem para avaliar se seus textos estão bons (tanto os produzidos em sala de aula como fora dela), pedindo opiniões e ideias para complementar. Quando terminam seus textos, tornaram-se também alunos que começaram a ajudar seus colegas e a me chamar para dizer como ajudaram. Como se quisessem dizer: “Professora, eu sou muito criativa e ajudo como você me ajudou”. Dimenstein (2003) explica: “Quando descobri a paixão [...] tudo ficou mais fácil”.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença do meu “eu não professor”, a pessoa que vive por trás da fachada de docente que pratico toda semana, foi significativa para um melhor ambiente dentro e fora da sala de aula.

Pude ver que os alunos quebraram muitas ideias estereotipadas que haviam criado erroneamente, devido ao que viveram anteriormente e também pelo que a sociedade impõe. Foi interessante a percepção de que

nem todo professor precisa ser sisudo, sem gostos e/ou *hobbies* ou alguém que não pratica atividades que eles também fazem.

Brighouse e Woods (2010) explicam sobre o interesse e o esforço dos alunos:

Nem todos os alunos chegam à escola ávidos para aprender e se comprometer. Apesar dos melhores esforços, alguns trazem tal “bagagem” de fora dos portões que é praticamente impossível “incorporar” os valores da escola, até mesmo em uma extensão mínima aceitável. Isso acontece mais nas instituições de Ensino Médio...

O uso dessa vontade de comprometimento dos alunos foi explorado desde o começo. A presença de gostos em sala de aula mostrou-se tão proveitosa quanto o exercício de trazer o ambiente do aluno para a sala, pois se mostrou de mais fácil adesão para a maioria dos discentes, assim como uma compreensão e aproveitamento mais profundo, criando laços proveitosos. Mostrou também que gostos podem ser usados para dar aulas diversificadas e que para os alunos são extremamente importantes a paixão e o domínio do assunto que trabalhamos. Para eles, hoje não basta apenas saber. Deve-se sentir paixão pelo assunto de que está tratando. Precisa-se cativá-los e interessá-los. Dimenstein (2003) explica: “Daí se entende a força dos professores que orientam seus alunos com projetos [...] Era o encanto da descoberta da utilidade do conhecimento. Mais, da minha própria utilidade”.

O uso da literatura e de temas da esfera tecnológica para mostrar aspectos de um projeto de pesquisa mostraram-se ricos e proveitosos, tanto para os alunos como para nós, docentes. Assim como facilitaram a criação de vínculos e a fortificação dos mesmos.

E, acima de tudo, mostrou que não precisamos ser extremamente rígidos, que não devemos esconder nossos gostos de nossos alunos, temendo que se aproveitem disso para bagunçar nossa aula e assim acabemos perdendo a credibilidade com eles. Essa mostra, esse lado “não professor” mostrou exatamente o contrário: os alunos sentiram-se muito mais seguros e conectados conosco, melhorando o rendimento em sala de aula e o gosto por aulas que eram ministradas de uma forma diferente e motivada para a reflexão. Freire (2011) já afirmava que:

Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa. Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objetivo da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente.

REFERÊNCIAS

- BRIGHOUSE, Tim; WOODS, David. **Como fazer uma boa escola?** Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DIMENSTEIN, Gilberto; ALVES, Rubem. **Fomos maus alunos.** Campinas, SP: Papirus, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- _____. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- RAASCH, Leida. **A motivação do aluno para a aprendizagem.** Nova Venécia, ES: Faculdade Capixaba de Nova Venécia. Disponível em: <http://tupi.fisica.ufmg.br/michel/docs/Artigos_e_textos/Motivacao/motivacao%20do%20aluno.pdf>. Acesso em: 14 set. 2014.